

FAU USP
JULHO 2017
DIEGO DA SILVEIRA

CÁ

LÁ

ORIENTAÇÃO
ARTUR ROZESTRATEN
SILVIO SOARES MACEDO

RESUMO

CÁ E LÁ *Uma experiência de percepção do espaço urbano*

palavras chave: cidade, usos, cotidiano, público, travessia, sensorial

Este trabalho é uma pesquisa sobre a imagem da cidade e a percepção do espaço urbano. A pesquisa se fundamenta no cotidiano da cidade, do ponto de vista do usuário, das pessoas que utilizam o espaço público todos os dias, para realizar suas transposições e deslocamentos.

O trabalho parte da pesquisa teórica, com base na leitura de autores antropólogos, historiadores e arquitetos, passa pela pesquisa filmográfica de cineastas e documentaristas que buscam epilhar a cidade por meio da linguagem audiovisual, chegando por fim na experimentação prática de pesquisa à campo.

ABSTRACT

HERE AND THERE *A perception experience on the urban space*

Keywords : city, uses, daily life, public, crossing, sensorial

This present work consists in a research about the city image and the perception of the urban space. It is based on the city's daily life and the people who use public spaces every day to do their transpositions and displacements. All noted from the user's perspective.

This work starts with theoretical research, based on readings of anthropologists, historians and architecture authors, then passes to a filmography research of filmmakers and documentarists that try to explain cities through the audiovisual language. And, completing the cycle, the works ends in the field research - the experimental and practical part.



Dedicado a João Pedro da Silveira Gozzo (*in memoriam*)



DIEGO DA SILVEIRA

FAU USP

JULHO | 2017

ORIENTAÇÃO

PROF. DOUTOR ARTUR SIMÕES ROZESTRATEN

PROF. DOUTOR SILVIO SOARES MACEDO



Jardim São Paulo, 2016

AGRADECIMENTOS

Sempre fui muito grato, por todas as pessoas que conheci e que me acompanharam no decorrer da minha graduação. Não há palavras suficientes para agradecer a todos. E correndo o risco de esquecer de alguém, agradeço especialmente:

À minha família , pais, irmão e tias que sempre estiveram comigo e me deram todo o apoio necessário pra eu concluir mais essa etapa na vida;

Ao meu amigo e orientador Silvio Soares Macedo, pela oportunidade de ingressar no mundo da paisagem e aprender a enxergar e interferir na cidade da forma como faço hoje;

Ao meu orientador Artur Rozestraten que me incentivou em vários momentos a discutir a representação e por fim topou me ajudar a concluir este trabalho com muito entusiasmo e dedicação;

Aos convidados da banca, Eugênio Queiroga e Lívia Perez que prontamente se dispuseram a ler e discutir esse trabalho;

Ao César Fukuda por me ingressar no mundo da fotografia e ensinar a lidar tecnicamente com uma câmera;

À Mariana Pereira, Marê, que esteve presente, acreditou, confiou e revisou este trabalho inúmeras vezes e sem a qual, ele não seria possível;

Ao Thiago Rocha Ribeiro, pela ajuda no projeto gráfico deste caderno, discussões e amizade;

À Luenne Albuquerque, amiga que esteve presente em todos esses anos, sempre apoiando nos períodos mais difíceis;

Ao Pedro Esteves pela amizade e por ter me ajudado na revisão deste texto.

À Vivi Tiezzi, pela amizade e pela oportunidade de ter participado do Cidade é para Brincar, dando forma a este trabalho também;

À Ana Costa e Denise amigas sempre presentes em tantos momentos e que entendem o que é realizar estes trajetos urbanos;

À Marina Frúgoli pela amizade e discussões de tantos temas afins, como o desenvolvido aqui;

Ao Rafael Esteves por ter estado presente em muitos momentos desse trajeto;

Aos Amigos Marco, Gabriel Manso e Nathália Borges, por me emprestarem equipamentos e objetivas para a realização dessas imagens;

Aos amigos feitos em virtude do Ciências Sem Fronteiras;

À Raquel e Karina, sempre discutindo e me entusiasmado a seguir com a fotografia(3:1)

À FAU e à São Paulo;

À UVA e à Valladolid;

Ao grupo de amigos da Federal, sempre presentes na minha vida;

Aos amigos de QUAPA, de Atlética, de chorume;

À gestão da Atlética 2012;

Às Faunas, ao SFLC;

Aos amigos do PPV;

Ao Vídeo FAU;

Aos amigos da Ócio, Wilson, Gabriel, Alex e Henrique e Rafael;

Aos amigos de Edif, estagiários, arquitetos e agrônomos, em especial a Priscila, Nícolas, Plínio e Zé Oswaldo, que se dispuseram a conversar sobre este trabalho várias vezes;

Às pessoas que participaram da vaquinha de 2011



Amanhecer vista de Janela - Frame de vídeo captado para a pesquisa



21º para LGBT de São Paulo - Frame de vídeo captado para a pesquisa

“(...) o caminhante constitui, com relação à sua posição, um próximo e um distante, um cá e um lá. Pelo fato de os advérbios cá e lá serem precisamente, na comunicação verbal, os indicadores da instância locutora”

(CERTEAU, 1998, p.178)



Mandaqui, 2016

SUMÁRIO

<u>AGRADECIMENTOS</u>	[08]
<u>APRESENTAÇÃO</u>	[14]
<u>INTRODUÇÃO</u>	[16]
<u>POR QUÊ?</u>	[18]
<u>EXPECTATIVAS</u>	[20]
<u>TÍTULO</u>	[22]
<u>A IMAGEM DA CIDADE</u>	[26]
<u>TRAJETO</u>	[30]
<u>REFERÊNCIAS VISUAIS</u>	[38]
<u>GERAR IMAGENS</u>	[52]
<u>MÉTODO</u>	[56]
<u>MONTAGEM</u>	[60]
<u>RECORTES VISUAIS</u>	[64]
<u>O PROJETO DOCUMENTÁRIO</u>	[70]
<u>CONCLUSÃO</u>	[74]
<u>REFERÊNCIAS</u>	[76]

3014-5093



Santana, 2016

APRESENTAÇÃO

Este caderno se apresenta como um registro do processo de pesquisa e experimentação que levou à produção do curta documental Cá e Lá. Busquei explicitar aqui como as questões norteadoras se apresentaram e como foram estudadas a fim de aprender um pouco mais sobre a percepção do espaço urbano, tanto do ponto de vista de quem usa a cidade, como de sua representação.

Um dos primeiros trabalhos realizados durante a graduação de Arquitetura na FAU é chamado de Vetores da Cidade: cada grupo, de aproximadamente 10 alunos, percorre um caminho que parte do marco zero da cidade de São Paulo seguindo os vetores norte, sul, leste e oeste e, depois, representam suas impressões/sensações construindo mapas e cortes desse trajeto.

O princípio deste trabalho final de graduação parte do mesmo conceito . Sem perceber de início, e agora conscientemente, acabo revisitando a proposta ao fim de sete anos de graduação, tornando a ideia de ciclo não só presente no documentário como também nesta argumentação.

O formato deste trabalho conversa com as habilidades e competências que desenvolvi ao longo da graduação: O desenho e a imagem sempre me atraíram bastante, na faculdade desenvolvi a habilidade de manipulá-los para representar projetos e conceitos distintos. Nesta produção, optei pela linguagem da imagem em movimento para discutir um pouco do cotidiano da cidade e suas disruptões, no formato de um curta documental.

“A Representação não é mais que um corpo de expressões para comunicar aos outros nossas próprias imagens.”

(BACHELARD, 1978, p. 295)



Caixa de água, vista do amanhacer no bairro - Frame de vídeo captado para a pesquisa



Largo do Paissandú, 2016

INTRODUÇÃO

Cá e Lá apresenta uma proposta de leitura de um trajeto urbano na cidade de São Paulo. O recorte abrange uma travessia dentro da cidade, tendo como ponto de partida, o Cá, na Zona Norte, e o ponto de chegada, o Lá, na Zona Oeste, em um trajeto que se realiza tanto no espaço quanto no tempo.

A fim de demonstrar semelhanças e diferenças nos diversos pontos desse deslocamento, foi adotado a duração de um dia, um dia fictício com situações reais, com recortes captados entre os anos de 2016 e 2017. Por isso, a montagem desse documentário se assemelha a uma síntese de situações cotidianas da cidade, rotineiras ou não.

Busquei captar e mostrar situações habituais e estressantes, assim como situações de encontros, recreação, consumo, em que, por todas elas, sempre vemos um fator comum: o relacionamento das pessoas com a cidade.

Como pretendia registrar o cotidiano como ele de fato acontece, os personagens são pessoas reais vivendo suas rotinas. São os usuários da cidade, que circulam por ruas, caminhos, travessas, túneis, becos; Utilizam seus serviços, alguns reivindicando melhorias, outros não e inclusive transeuntes que só estejam de passagem como turistas e visitantes esporádicos.

A trilha sonora são os sons da cidade e de pessoas, conversas, burburinhos, sons de alerta, carros, ambulâncias. Sons com os quais estamos tão acostumados e que às vezes só nos damos conta que estavam presentes com a sua ausência, como os cheios e vazios da cidade.

O cenário é a imagem da cidade. O ponto de partida deste trabalho foi a hipótese:

- Qual a imagem que temos do nosso cotidiano na cidade?

Além disso, no que focamos nossa atenção quando estamos nos deslocando de um ponto a outro da cidade?

- O que fica marcado em nossos mapas mentais quando realizamos nossos caminhos diários?
- E o que está acontecendo ao nosso redor, quando não podemos parar para apreciar ou até mesmo participar?

São essas perguntas que busquei responder com este trabalho.



Vista de dentro do ônibus - Frame de vídeo captado para a pesquisa



Elevado Costa e Silva, 2016

POR QUÊ ?

Antes mesmo das questões citadas na introdução, questões um pouco mais pessoais tiveram grande peso na escolha do tema deste trabalho. Por nascer e morar praticamente a vida toda na Zona Norte de São Paulo e realizar, nos últimos anos, o trajeto “Mandaqui-Cidade Universitária” a inquietação sobre trajeto sempre esteve presente.

As distâncias e a inconveniência de realizar um curso integral a 25 Km de distância, ou a duas horas (utilizando transporte público) de casa motivaram a realização deste trabalho, como entender e explicar o que é esse trajeto?

A segunda grande motivação vem, da oportunidade, de ter realizado um intercâmbio em Valladolid, na Espanha, e além das diferenças culturais, pude morar a 1,6 Km de distância da faculdade, ou 6 minutos (a pé), uma experiência de cidade completamente diferente da que eu vivia aqui.

Mas o que causou essa diferença de percepção? O que diferenciava essa experiência de cidade que eu captei nesses dois períodos?

A duração dos trajetos com certeza influenciou, mas há mais que isso: há uma cultura de uso dos espaços da cidade. Segundo Certeau, quem caracteriza a cidade são seus usuários a partir dos usos que aplicam aos espaços urbanos:

“essa história começa aos rés do chão, com passos. São eles o número, mas um número que não constitui uma série. Não se pode contá-lo, porque cada uma de suas unidades é algo qualitativo: um estilo de apreensão táctil de apropriação cinética. Sua agitação é um inumerável de singularidades. Os jogos dos passos moldam espaços. Tecem os lugares. Sob esse ponto de vista, as motricidades dos pedestres formam um desses “sistemas reais cuja existência faz efetivamente a cidade”, mas “não tem nenhum receptáculo físico”. Elas não se localizam, mas são elas que especializam. Nem tampouco e inscrevem em um continente com esses caracteres chineses esboçados pelos falantes, fazendo gestos com os dedos tocando na mão.”

(CEARTEAU, 1998, p.176)

Optei também por partir para a experimentação propriamente dita. A princípio, queria realizar um ensaio fotográfico com imagens da cidade de São Paulo, que se repetissem em diferentes espaços como bairros periféricos, bairros centrais, bairros industriais, etc. Porém, dando início às pesquisas e às saídas a campo propriamente ditas, a linguagem audiovisual se mostrou mais adequada para o que eu queria estudar.



Foto publicada no Trabalho Final de Viviane Tiezzi : “Cidade é para brincar”.

EXPECTATIVAS

Antes de desenvolver o meu, tive a oportunidade de ajudar dois amigos, no desenvolvimento de seus trabalhos finais de graduação na FAU, sendo eles Viviane Tiezzi e seu TFG “Cidade é pra brincar” e Thiago Rocha Ribeiro com seu TFG “Cidade entre experiência e imagem”.

Os dois trabalhos flutuavam entre os temas do uso programado ou não do espaço urbano da cidade, bem como propunham uma discussão da imagem da cidade para representar essas problemáticas. Ter acompanhado a elaboração desses trabalhos me levou a tentar outra forma de discutir as mesmas questões, com uma abordagem um pouco diferente.

Esperava encontrar um meio de discutir a representação da cidade, fugindo um pouco da linguagem arquitetônica, no que diz respeito às famosas regras de projetos de planejamento do espaço livre, queria olhar para o trabalho de um modo que possibilitasse discutir a cidade com uma linguagem propriamente visual.

Foi assim, com intenção de representar/reproduzir o cotidiano e as suas quebras que podem ocorrer na cidade, que escolhi a imagem em movimento, para tentar mostrar que este espaço é mais do que um cenário imóvel para nossas obrigações diárias. Para isso, desejava encontrar nas imagens que captadas o que causava estranheza, medo, repúdio, mas também alegria, sensação de estar, e outros sentimentos como esses que criam nossa percepção de cidade.

Fotografia publicada no trabalho final de Thiago Rocha Ribeiro : “Cidade entre experiência e imagem”.





Mandaqui, 2016

TÍTULO

O primeiro título para este trabalho, era “Um olhar sobre travessia na cidade de São Paulo”, uma vez que esta reconstrução de uma percepção do trajeto urbano acaba sendo uma coisa única. Por mais que seja o mesmo trajeto, do mesmo modo, cada pessoa percebe e sente essa cidade de um modo único, como afirma Lynch: “(...) *cada cidadão tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados.*”¹

Por esse motivo o subtítulo “uma percepção do espaço urbano” foi adicionado a fim de tratar desta questão.

A ideia para o título final, Cá e Lá, foi retirada de um trecho do livro “A Invenção do cotidiano” de Michel Certeau (1998), na citação que está em destaque no início deste trabalho. As relações de proximidade e distâncias, advindas destes dois advérbios, são tratadas aqui com os mesmos sentidos na questão espacial.

Utilizando o sentido que o autor Magnani conceitua os espaços, o Cá é o seu Pedaço:

“Quando o espaço - ou um segmento dele - assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebe o nome de pedaço”.

(MAGNANI, 2007, p. 32)

O Lá é o lugar fora do seu pedaço, que será alcançado. Ao se tratar de uma trajetória, este lugar pode ser tanto o seu local de trabalho, como a Mancha:

“São as manchas, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam - cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando - uma atividade ou prática predominante. Numa mancha de lazer os equipamentos podem ser bares, restaurantes, cinemas, teatros, o café da esquina etc., os quais, seja por competição ou complementação, concorrem para o mesmo efeito: constituem pontos de referência para a prática de determinadas atividades.”

(MAGNANI, 2007, p. 41)

¹ (LYNCH, 2011)



Vale do Anhangabaú, 2017

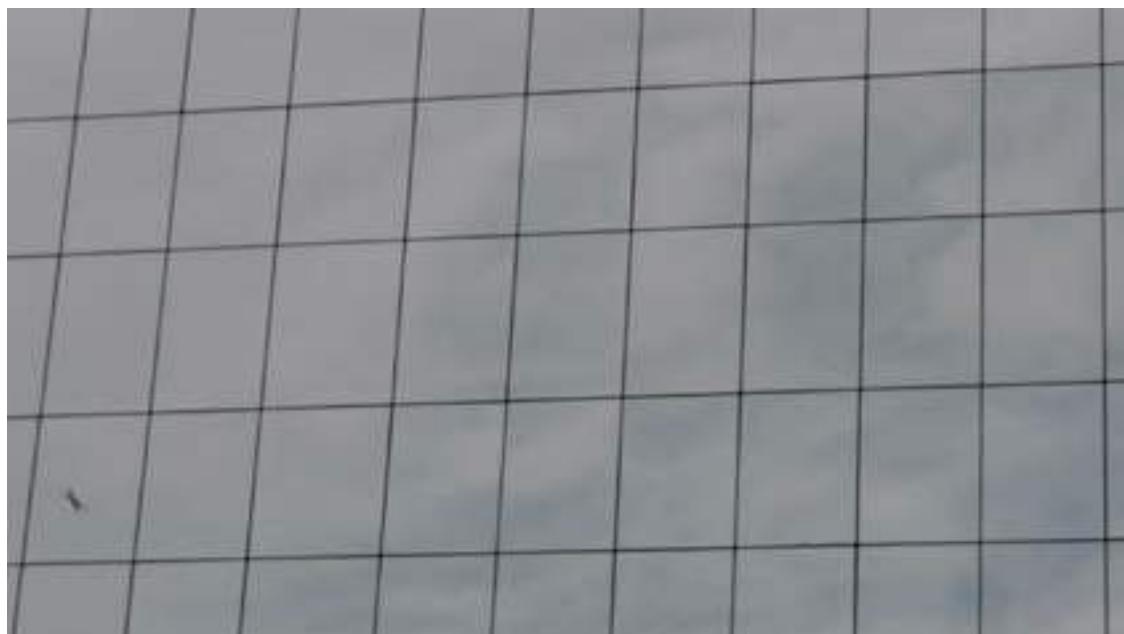


Reflexo em poça de água - Frame de vídeo captado para a pesquisa

Costumava ouvir desde pequeno, principalmente de pessoas de uma idade mais avançada, que eles estavam indo “na cidade”² trabalhar ou comprar alguma coisa, mas essas pessoas já estavam na cidade, só que em bairros periféricos e o que elas queriam dizer é que estavam indo Lá, no centro da cidade.

O jogo de advérbios ressalta também a questão pessoal, onde o Cá seria a própria pessoa e o Lá o que ela enxerga, durante um trajeto passamos por muitos momentos de devaneios, nos quais nossos olhares vão para o longe, mas nossos pensamentos vão para dentro, estando aqui e olhando para lá, projetando no que vemos nossos próprios anseios. Essa dualidade, dentro e fora, foi bastante explorada no desenvolvimento do trabalho, com a utilização de elementos visuais como janelas e reflexos.

² Isto pode se dado também devido às disruptões físicas de alguns bairros ,num passado não muito distante, em que que alguns bairros periféricos eram de fato descolados da malha urbana, com grande extensões de terrenos vazios nas periferias e em alguns lugares inclusive sem asfalto. .



Reflexo em fachada espelhada - Frame de vídeo captado para a pesquisa



Jardim São Paulo, 2017

IMAGEM DA CIDADE

São Paulo passa a “imagem” de uma cidade acelerada (#AceleraSP)¹, as suas representações que vemos na mídia, em sua maioria, são avenidas e marginais representadas com um time lapse e o tempo correndo atrás com as luzes de carros nas avenidas e pessoas aceleradas. E, quando se trata de algum marco arquitetônico, muitas vezes o que vemos como representação são equipamentos rodoviários, pontes e etc, inclusive telejornais tem como fundo essas vistas.

“São Paulo é conhecida como a cidade do trabalho, onde as pessoas vivem para o trabalho e se definem como persona social em função das atividades que nele exercem. Esta cultura do trabalho está refletida no desenho da cidade e na forma como nos relacionamos com ela. Estabelecemos uma relação funcional com a cidade, com seus equipamentos e espaços públicos, feitos para nos servirem, antes de quaisquer interesses não utilitários. São avaliados por seu grau de eficiência. Funcionalizamos a nossa relação com cidade e, muito mais, com as ruas que não parecem com lugares, mas com caminhos para se alcançar lugares.

(JORGE, 2013, p.79)

Nesta citação, Luís Antônio Jorge traz à tona uma das imagens clássicas: a de que as ruas não são lugares e sim meios para se alcançar lugares. Como se nossos trajetos fossem o modo pelo qual nos deslocamos, de nossas casas até nossos locais de trabalho, estudo, etc. Ainda mais em São Paulo, onde somos frequentemente caracterizados como uma cidade de trabalho, por um turismo de negócios, onde estamos o tempo todo atrasados e medimos nossas distâncias em horas e não em quilômetros. A frase “Tempo é dinheiro” encontra sua materialização aqui, isso explica o sucesso de aplicativos como o Waze que facilitam o deslocamento das pessoas para que elas cheguem mais rápido e mais fácil onde desejam chegar.

Ainda assim, é possível notar que na mesma cidade, rápida e por vezes sufocante, há também relações culturais, principalmente de entretenimento e lazer, sendo criadas a todo momento entre as pessoas e o lugar. Como diz, Magnani:

“São Paulo (...) alimenta representações que a identificam com o ethos do trabalho, com a formalidade e frieza das relações impessoais, o anonimato da vida cotidiana. A desigualdade social, a violência - desde a poluição sonora e visual até a criminalidade - , passando pelas conhecidas e gritantes contradições urbanas, são outros fatores presentes quando se avalia a qualidade de vida que oferece. Sem negar a realidade desses fatores, nem procurar amenizar suas consequências, é possível mostrar que a cidade oferece também lugares de lazer, que seus habitantes cultivam estilos particulares de entretenimento, mantêm vínculos de sociabilidade e relacionamento, criam modos e padrões culturais diferenciados.”

(MAGNANI, 1996, p. 18)

¹ bordão do prefeito, eleito em 2016, de São Paulo, João Dória



Armênia, 2017



Manifestação no Largo da Batata - Frame de vídeo captado para a pesquisa

O autor propõe determinados conceitos para compreender a cidade, como os dois tratados aqui: Pedaços e Manchas. Mas, além desses, há outros que aparecem em seu texto, como trajetos, circuitos, pórticos. Destes, é relevante trazer o conceito de trajetos:

“A cidade, contudo, não é um aglomerado de pontos, pedaços ou manchas excludentes: as pessoas circulam entre eles, fazem suas escolhas entre as várias alternativas - este ou aquele, este e aquele e depois aquele outro - de acordo com determinada lógica; mesmo quando se dirigem a seu pedaço habitual, no interior de determinada mancha, seguem caminhos que não são aleatórios. Estamos falando de trajetos.”

(MAGNANI, 1996, p. 43)

“Trajeto aplica-se a fluxos no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas.”

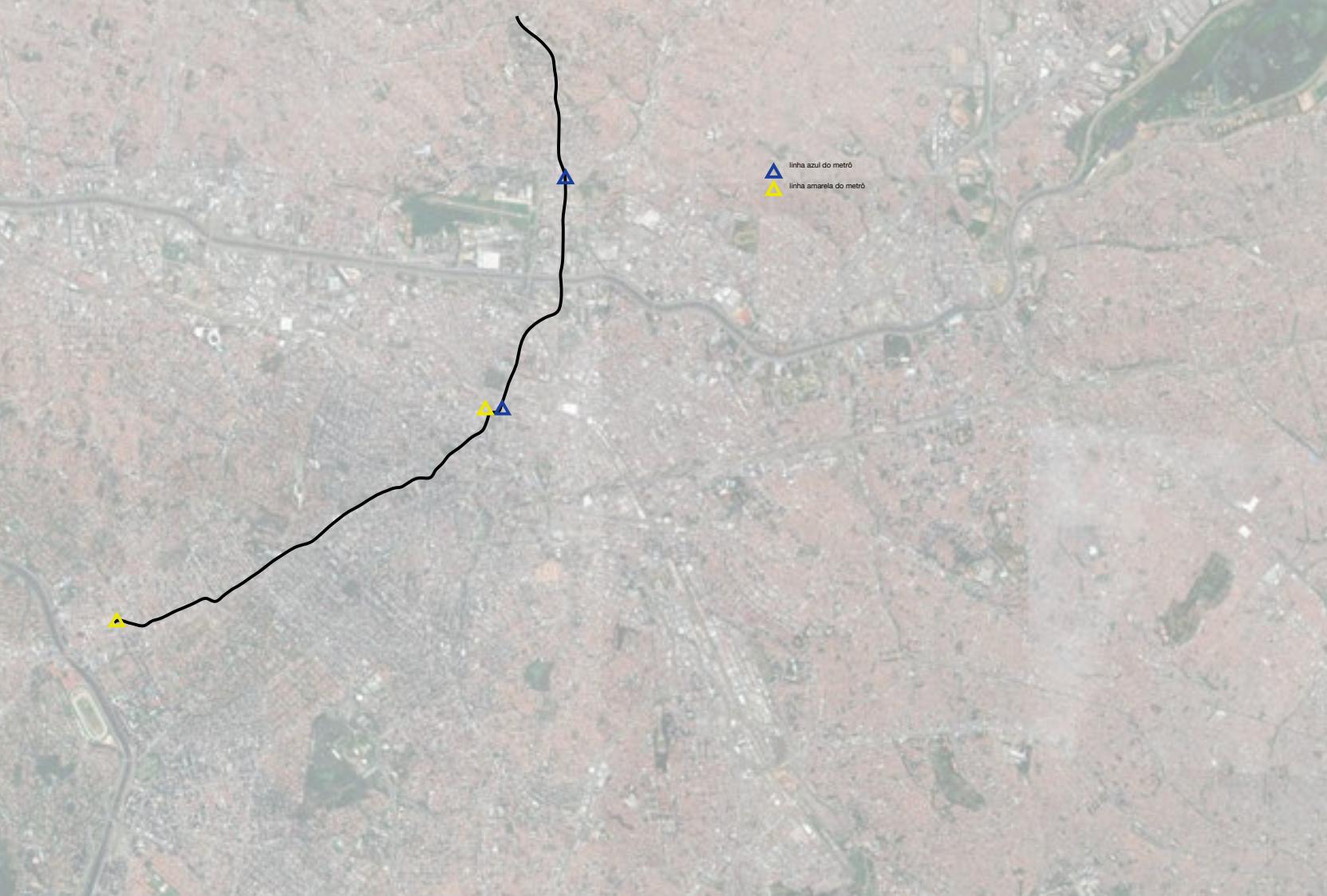
(MAGNANI, 1996, p. 43)

“Trajetos ligam pontos, manchas, circuitos, complementares ou alternativos.”

(MAGNANI, 1996, p. 43)



Serviço de limpeza e uso de ruas - Frame de vídeo captado para a pesquisa



TRAJETO

O trajeto explorado por este trabalho é o realizado por uma pessoa que mora em um bairro residencial mais afastado do centro e que, todos os dias, atravessa trechos da cidade para chegar ao seu destino - no caso, a uma área comercial.

Nesse sentido, a realização deste trabalho tem como ponto de partida um bairro residencial na Zona Norte da cidade de São Paulo e como ponto final um bairro comercial da Zona Oeste. O objetivo, ao escolher esse trajeto, é captar nele algo comum, que possa ser encontrado em outros. Considero-o uma forma de leitura, que não busca caracterizar formalmente esse trajeto, mas de certo modo, subjetiva-lo a ponto de que ele tenha esse caráter generalizante como uma parte que fala do todo. Trazendo à tona Bachelard, quando cita as miniaturas como exercício metafísico de leitura de algo maior: “São numerosos os textos em que a pradaria é uma floresta, onde uma moita de capim é um bosquete.”¹ O trajeto, neste caso, é uma miniaturização do espaço urbano de São Paulo.

Especificando um pouco, o trajeto escolhido para as gravações foi:

Bairros residenciais afastados do centro:
O bairro do Mandaqui e o bairro de Santana.

Bairros da região central:
São Bento, Paissandú e República.
Centros econômicos:
Avenida Paulista e Avenida Faria Lima.

1 (BACHELARD, Gaston, 1998, p. 302)



Santana, 2017



Ponto de ônibus - Frame de vídeo captado para a pesquisa

Locais de Gravação

Bairros Periféricos:

Rua Voluntários da Pátria, na altura do Mandaqui e na altura do metrô Santana;
Metrô Jardim São Paulo;
Avenida Engenheiro Álvares

Bairros Centrais:

Av. Tiradentes;
São Bento;
Vale do Anhangabaú;
Avenida São João;
Largo do Paisandú;
República;
Av. Consolação;
Rua Augusta;

Bairros Centro Comerciais:

Avenida Paulista;
Avenida Rebouças;
Largo da Batata;
Avenida Faria Lima;

Dentro de Transportes públicos:

_Metrô:

Linha Azul;

Linha Amarela;

_Ônibus:

Linha 118C;

Linha 177H;

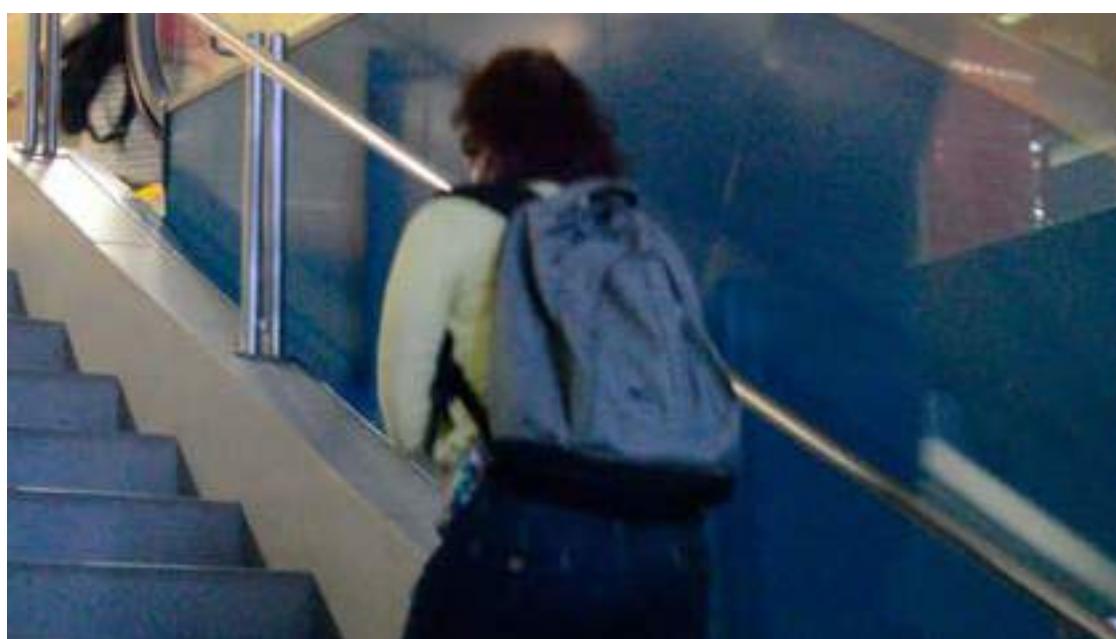
Linha 701U;



Metrô - Frame de vídeo captado para a pesquisa



Av. Paulista, 2017



Escada de estação de metrô - Frame de vídeo captado para a pesquisa

Devaneios em meio ao cotidiano

“(...) poderemos ler seriamente esta página de Hermann Hesse publicada na revista Fontaine (n.º 57, pág. 725). Um prisioneiro pintou na parede de sua cela uma paisagem: um trenzinho entrando no túnel. Quando os carcereiros vêm procurá-lo, ele lhes pede “gentilmente que esperassem um momento para que eu possa entrar no trenzinho da minha tela a fim de verificar aí uma coisa. Como de hábito, eles se puseram a rir, pois me olhavam como a um fraco de espírito. Eu me tornei pequenininho. Entrei em meu quadro, subi no trenzinho que se pôs em movimento e desapareceu na escuridão de um pequeno túnel. Por instantes, percebeu-se ainda um pouco de fumaça em flocos que saía pelo buraco arredondado. Depois essa fumaça desapareceu e com ela o quadro e com o quadro minha pessoa... “ Quantas vezes o poeta-pintor, na prisão, não perfurou as paredes por um túnel! Quantas vezes, curtindo seu sonho, não se evadiu por uma fenda da parede! Para sair da prisão, todos os meios são válidos. Precisando-se, o absurdo é capaz de libertar” (BACHELARD, 1978, p. 295)

Neste trecho, de *A poética do espaço*, o autor nos mostra o exemplo e um preso que escapou da prisão por um devaneio, se extrapolarmos esse conceito de prisão ao da realidade em que vivemos, podemos nos reconhecer nesse relato. Por vezes estamos presos em uma situação e nossa mente nos leva a outros lugares. Ao longo das captações, saí algumas vezes desses devaneios para olhar as outras pessoas nessas mesmas situações.



Meditação na praça Roosevelt - Frame de vídeo captado para a pesquisa





REFERÊNCIAS VISUAIS

Durante o processo pesquisei distintas referências visuais a fim de criar uma linguagem para o meu trabalho, primeiramente em fotografias clássicas, estáticas, e logo em fotografia de cinema, em movimento.

No primeiro caso, busquei em fotógrafos(as) do cotidiano, do urbano, de rua, elementos formais e visuais que também pudessem ser aplicados no meu trabalho.

Como o modo de se colocar ante a situação fotografada, o tratamento de cores, a geometrização e os ponto de força da imagem captada, distâncias focais, luzes e sombras, composições do quadro, entre outros. Entrei em contato com o trabalho de alguns desses fotógrafos(as) durante a realização da pesquisa, outros eu já havia conhecido de antemão.

Achei importante ressaltar algumas dessas referências nas próximas páginas, sendo elas:

Cristiano Mascaro;
Mauro Restiffe;
Henri Cartier-Bresson;
Steven Shore;
Michael Wolf;
Michael Wesely;
Luiz Braga;
Margaret Bourke White;
Brian Sokolowski;
Maria Plotnikova;
Win Wenders;



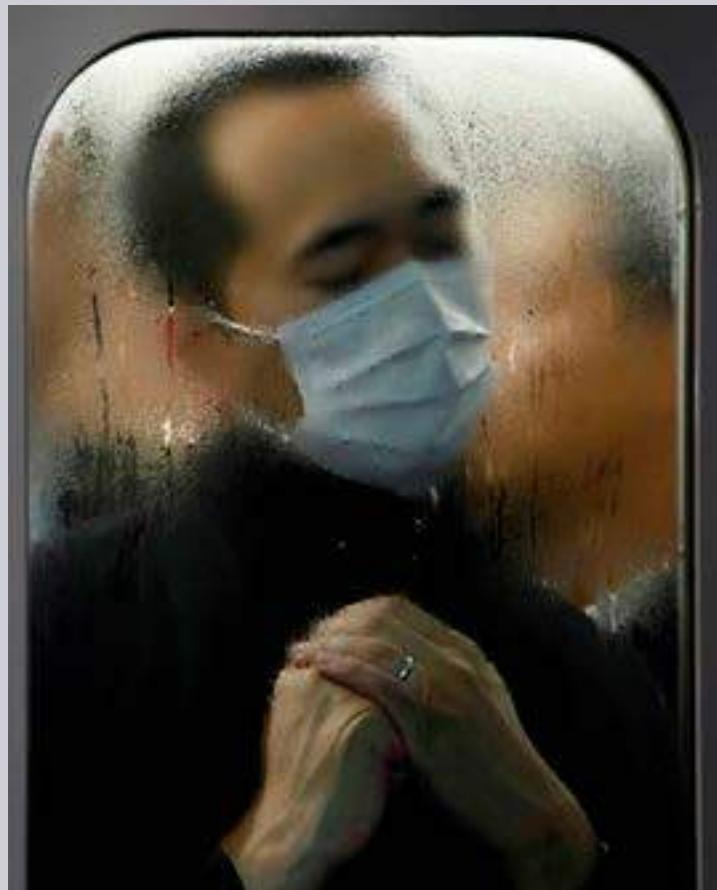
Win Wenders, 1983



Steven Shore, 1976



Mauro Restiffe, 2012



Michael Wolf, 2011



Michael Wesley, 2003



Cristiano Mascaro, 1970



Luiz Braga, 2006



Henri Cartier Bresson, 1954



Maria Plotnikova, 2012



Margaret Bourke White, 1951



Brian Sokolowski, 2010



Andreas Gursky, 1999

FILMOGRAFIA

Aprofundei o estudo de referências filmográficas e, destas, pude retirar não somente questões visuais de fotografia - angulação de câmera, movimento de câmera, cor, técnica, duração dos planos, cortes - como, também, questão de linguagem narrativas.

Entrei em contato com referências distintas de filmes e documentários que representavam imagem da cidade. Cada um destes trabalhos influenciou em muito, seja pela linguagem sensorial, seja pela narrativa escolhida ou mesmo pelo tema, cidade, que eles exploram, segue aqui um resumo, feito por mim, dos que mais me influenciaram no momento de captação e montagem do Cá e Lá:

PLAYTIME

(2h 04min)

Direção: Jacques Tati

Filme da série do Monsieur Hulot de Jacques Tati, no qual um grupo de turistas norte americanos desembarcam em uma Paris de arquitetura moderna. Sem mostrar os marcos arquitetônicos e imagens clássicas da cidade, que só aparecem por meio de reflexos, o autor discorre sobre o cotidiano nessa metrópole futurista. O filme é cheio de piadas visuais, provoca o riso e sensações através de imagens, sem precisar da linguagem oral ou escrita, como a cena clássica do Carrossel.



A CAMINHO DO SUL

DE WEG NAAR HET ZUIDEN / THE WAY SOUTH

de Johan van der Keuken

Holanda, 1981 – 143 min

Neste documentário o cineasta parte da Holanda até o Egito, passando pela França e Itália. No percurso, ele conversa com estudantes que realizam o movimento Okupa na Holanda, ocupando prédios abandonados no centro da cidade e dando o uso de moradia para esses lugares, em Paris ele conversa com um morador estrangeiro que vive em um apartamento minúsculo e está em busca de cidadania e emprego e no interior da França ele conversa com um casal que mora em um sítio e vive da produção de Lavanda. Ao chegar na Itália, ele convive em uma pequena vila que sofre com a máfia italiana. Quando finalmente chega ao Egito, fica claro a surpresa do documentarista com as condições urbanísticas do lugar, os trens lotados, a falta de infraestrutura e saneamento básico. O filme termina com ele de volta em Amsterdã.

Johan utiliza bastante do uso de rimas visuais ao longo deste trabalho. Por todo o filme, ele repete imagens e frases que vão ganhando novo sentido a cada repetição e termina voltando pra casa, como se estivesse voltando de uma viagem depois de realizar seu trajeto.

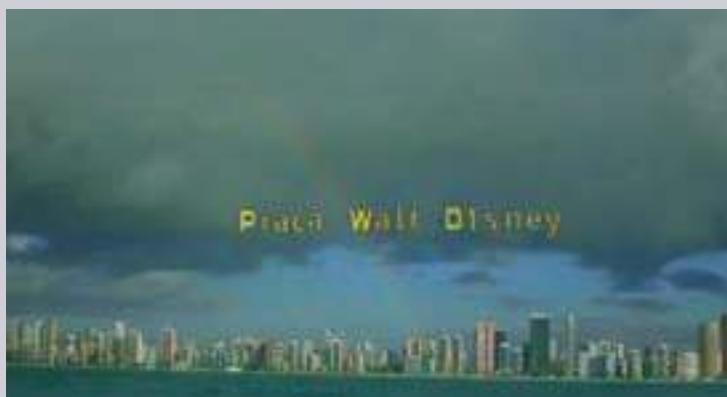


PRAÇA WALT DISNEY

Documentário, 21min, 35mm, stereo, 2011
Renata Pinheiro e Sérgio Oliveira

Esse documentário se passa em Recife apresenta uma praça com o nome de Walt Disney, sua localização e seus usos. Para tal, o filme começa mostrando o entorno dessa praça, a praia à frente, o calçadão, as pessoas utilizando esses locais e depois ele entra no miolo da quadra, mostrando um canteiro em formato triangular que é a praça, cercada por prédios espigões e muros, dentre as diversas cenas marcantes, uma que chama bastante a atenção é a praça vazia e o som de crianças brincando, quando na verdade elas estão brincando dentro de seus condomínios.

Esse trabalho é bastante sensorial, ao mesmo tempo que apresenta uma narrativa bem forte. Apresenta os diferentes usos de um espaço ao longo do dia, e tem a presença bem marcante de disruptões visuais ao longo do trabalho.



SÃO SILVESTRE

Documentário, 1h 20 min.2013
Lina Chamie

Documentário onde o personagem realiza o percurso da tradicional corrida São Silvestre, com uma câmera voltada para o seu rosto. A fotografia do filme vai se modificando ao longo do caminho, trazendo de forma visual o cansaço e a dificuldade de se realizar esse percurso.

Durante o trajeto ele percorre lugares tradicionais da cidade de São Paulo passando pelo Teatro Municipal, Estádio do Pacaembú, Minhocão e outros lugares icônicos, e a cada vez que ele passa por um desses locais se mistura, à trilha sonora, áudios de gravações que remetem à memória desses lugares, como uma ópera no Teatro e uma narração de um jogo antigo no estádio.

Este trabalho da Lina é muito importante para se analisar a representação por meio das sensações.

No caso ela escolhe representar a São Silvestre, acontecimento com o qual estamos todos acostumados, e da qual todos temos em nossas memórias uma representação clássica, vista da televisão. Aqui, porém, por meio da fotografia e do áudio, somos apresentados a uma nova experiência sensorial, caracterizando e descaracterizando-a ao mesmo tempo.



EM TRÂNSITO

Documentário

Henri Pierre Arraes de Alencar Gervaiseau

Esse documentário, de Henri Pierre Arraes de Alencar Gervaiseau, aborda a questão dos movimentos das pessoas na cidade de São Paulo, e em alguns casos de cidades adjacentes. Henri acompanha o trajeto de algumas pessoas que o realizam de formas distintas, ônibus, trens, motocicletas, carros e inclusive a pé.

O filme trata dessas diferentes formas de percursos na cidade e mostra como esses meios de deslocamento alteram o modo como essas pessoas se relacionam com a cidade.



A ÓPERA MOUFFE

L'Opéra-Mouffe (França 1958). De Agnès Varda.

A diretora, cria uma ópera com o cotidiano da rua Moffetard em Paris, apelidada “La Mouffe”, mostrando o cotidiano dessa rua, a partir do bloco de notas de uma mulher grávida. É um documentário subjetivo com capítulos poéticos e músicas de Georges Delerue.

Durante a realização deste documentário, Agnés se mistura ao cotidiano da rua, captando seus momentos, sem necessariamente entrevistar os transeuntes.



Travessia> A caminho do Sul, São Silvestre, Em trânsito;

Um Lugar> A Ópera Mouffe, Praça Walt Disney;

Ciclo> Playtime, Praça Walt Disney, São Silvestre;

Disrupções visuais> Percebi também que muitos filmes possuíam uns escapes visuais, umas quebras da linguagem pré-estabelecida. Talvez realizados para ganhar de volta a curiosidade do espectador, mas curioso mesmo é verificar que isso também acontece na cidade. No nosso trajeto por vezes topamos com algo fora do comum e depois voltamos nossa atenção ao caminho pré estabelecido. Este foi outro momento da cidade que tentei captar durante o processo.







Av. Paulista, 2016

GERAR IMAGENS

Produzir imagens é uma atividade que pratico cotidianamente. Aprendi a lidar tecnicamente com uma câmera fotográfica durante um estágio de fiscalização de obra. Desde então, tenho buscado sempre aprimorar essa prática. Perdi a noção de quantos cliques já realizei desde 2013, ano em que essa prática se tornou corriqueira pra mim.

Durante esses anos, sempre busquei escrever narrativas com minhas fotografias, buscando representar o cotidiano ao meu redor. Em primeira instância a cidade de São Paulo, mais adiante as cidades que visitei. Mas sempre focado em fugir das fotografias clássicas de registro de viagens. Entendo que não é somente nestes recortes que está a real imagem dessas cidades.

A fotografia é, pra mim, uma forma de compreensão dos lugares. Assim como o desenho, quando se está fotografando você toma um cuidado maior ao olhar para a situação. Você despende um momento, seja para compor o quadro ou mesmo para ajustar a exposição, é um instante em que você está fazendo parte daquilo, como se estivesse escrevendo algo, você faz parte da situação ainda que como observador, ainda que não te vejam ali, você está em conjunção com o que está acontecendo.

Quando fotografamos, colocamos muito de nós na imagem. A história que cada fotografia conta é uma história impregnada de passado, de conceitos, de formas, de filtros que estão presentes na vida de quem fotografou. Enxergamos o mundo por meio de camadas. Camadas que estão sempre presentes nas imagens que captamos. Logo, cada fotografia tem em si uma carga muito forte, uma interação enorme que se sintetiza em uma imagem, em um arquivo ou negativo. Fotografar é contar histórias a partir da minha própria.

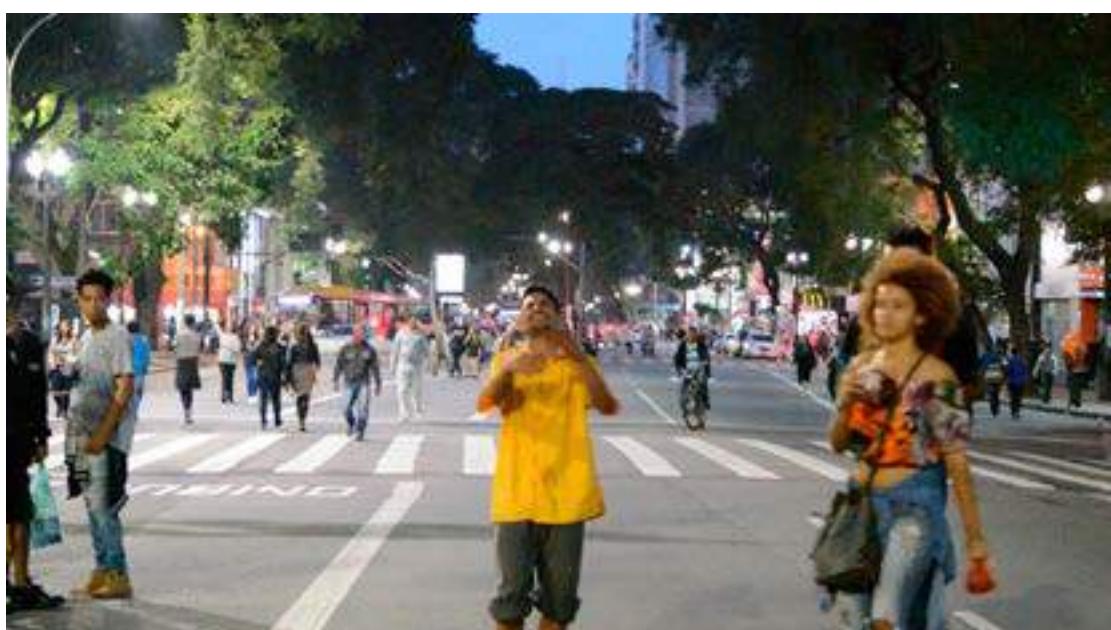
Em alguns momentos, essa prática se alinhou ao que eu estava estudando. Arquitetura é um curso muito visual, apesar de nem sempre termos a oportunidade de explorar esse lado da fotografia, nas aulas propriamente ditas, trabalhamos com conceitos e imagens, afinal plantas, cortes, elevações e perspectivas são, antes de mais nada, imagens.



Volta para a casa à noite, ônibus - Frame de vídeo captado para a pesquisa



Av. Paulista, 2016



Festa na Praça da República - Frame de vídeo captado para a pesquisa

No segundo semestre do ano de 2015, logo que voltei de intercâmbio, durante a matéria “O espaço e suas representações” ministrada pelo professor Artur e com a participação do vídeo FAU, na qual são feitas aproximações a lugares na cidade, por meio de desenhos, fotos e vídeos, nos é dado a oportunidade de explorar justamente este lado imagético da arquitetura, do lugar e do espaço da cidade.

Tive a oportunidade de realizar a produção de um vídeo que tratava do cotidiano de um lugar no meio da cidade. Essa experiência, de produzir imagens em movimentos e montá-las, a fim de contar uma narrativa, foi um momento importante para a concepção inicial deste trabalho.

Trabalhar com as imagens em movimento, foi como sair da minha zona de conforto. A primeira vista, o vídeo é uma evolução natural da fotografia mas ele apresenta um salto em questões técnicas que serão tratadas mais adiante.

No começo do ano seguinte, em 2016, iniciei o TFG I, em paralelo com uma optativa de documentários, na graduação de audiovisual, da ECA (Escola de Comunicações e Artes da USP) onde fui apresentado a uma filmografia mais específica que me ajudou a produzir, como resultado da matéria, um projeto de documentário com sinopse e argumento, que de tão significativo, sofreu poucas modificações para o projeto apresentado aqui.



Futebol à noite na rua - Frame de vídeo captado para a pesquisa

 PARADA
SOLICITADA



Santana, 2016

METÓDO

O método de trabalho foi desenvolvido ao longo do processo, passando por modificações ao longo do caminho. Inicialmente, a ideia era a realização de um ensaio fotográfico, como produto final. Para isso, realizava incursões na cidade, com minha câmera DSLR, uma Nikon D3200. Conforme o trabalho foi ganhando identidade de início à produção de vídeos, ainda com o mesmo equipamento, por vezes utilizava também o celular, um moto G, e uma câmera alugada do departamento de vídeo da FAU, uma handyCam Sony.

Os modos de captação, no início, eram dos mais variados a fim de testar uma linguagem, com o tempo optei pela não utilização de um tripé, a fim de passar despercebido pelos locais, atuando como um observador que não influenciasse na atividade que se estava realizando.

As tomadas em que eu caminhava com a câmera foram descartadas. Elas demandam um outro tipo de equipamento, aos quais eu não teria acesso tão facilmente e que, assim como o tripé, poderiam causar uma certa estranheza nas pessoas ao meu redor - como é o caso de um estabilizador móvel, ou uma câmera GoPro e seu equipamento de suporte.

Desse modo, meu método de captação de imagens se baseou em coletar as imagens com a câmera como se eu estivesse fotografando esses momentos. Grande parte das imagens foram tomadas do solo, da altura do observador, mas há também alguns planos que foram captados com a câmera a uma altura um pouco menor e outros em cima de prédios.

Ao final do primeiro semestre de pesquisa, os resultados foram:

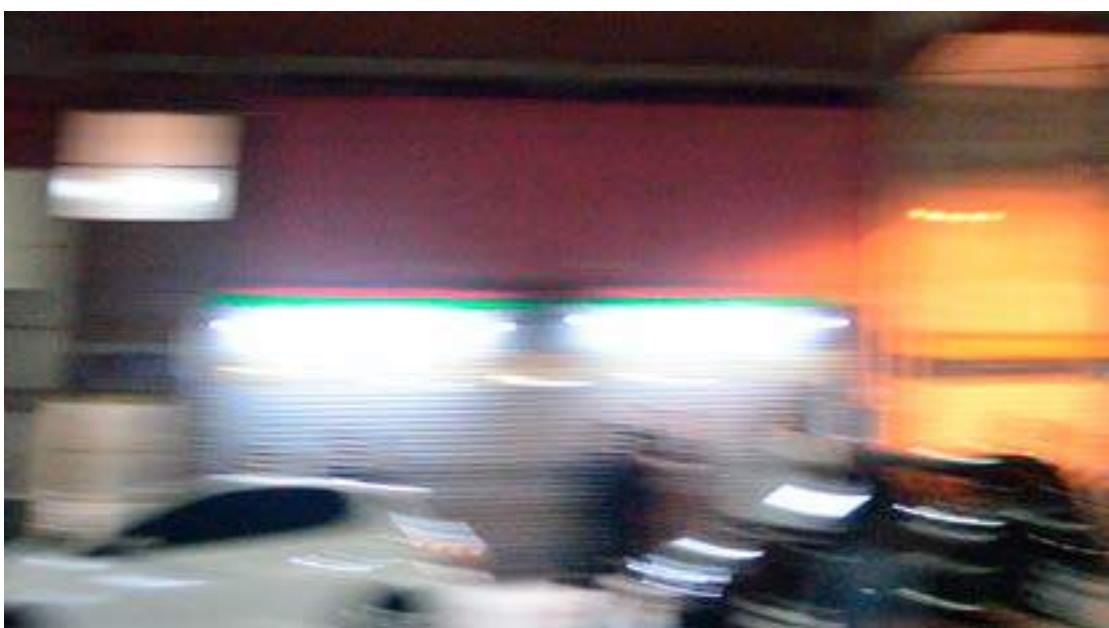
- um vídeo, com uma junção dos recortes de situações que haviam sido coletadas;
- um roteiro estrutural a ser desenvolvido no TFG II;
- uma sinopse;
- um argumento do documentário.



Materiais mais utilizados nas captações



Rua Augusta, 2017



Vídeo com pouca definição - Frame de vídeo captado para a pesquisa

Escolhas

- Câmeras utilizadas: Nikon D3200, Nikon D5200, Celular Moto G, HandyCam Sony;
- Áudio: Celular, microfone das própria câmeras, microfone auxiliar e gravador externo;
- Programas de edição de imagens: Adobe Lightroom, Adobe Premiere;

Problemas

A escolha do equipamento utilizado na captação trouxe consigo alguns problemas técnicos, com os quais tive que lidar, influenciando também na escolha do material a ser utilizado na edição final. Problemas tais como: Vídeos com pouca visibilidade, devido ao excesso ou falta de luz, e vídeos com pouca nitidez.

Alguns vídeos apresentam problemas de distorção nas imagens, principalmente os captados de dentro de transportes públicos - a alta velocidade acaba criando essas distorções, devido ao tipo de sensor das câmeras utilizadas.

Outros problemas surgiram, também, nas captações dos áudios, alguns apresentaram forte influência do vento, principalmente os que foram gravados com o uso de um microfone auxiliar, outros viraram um intenso ruído sem nitidez sonora.



Vídeo muito escuro - Frame de vídeo captado para a pesquisa



Santana, 2017

MONTAGEM

Para realizar a montagem do vídeo, antes de mais nada, levei em conta a separação já prevista pelo roteiro estrutural, que havia sido desenvolvido anteriormente.

O primeiro passo da montagem foi a seleção do material captado, uma decupagem do que seria utilizado. Os primeiros vídeos a serem descartados foram os que apresentaram fortes problemas técnicos. Em seguida, veio a categorização dos vídeos, no sentido espacial: dividi-los entre bairro, centro e centro comercial e subdividi-los em 3 categorias, manhã, tarde e noite. Passando também pela seleção das imagens que estavam dentro de transportes - ônibus e metrô - e as que não estavam. Chegando, por fim à divisão entre as situações rotineiras ou inesperadas.

A seleção e categorização do material se tornou, então, cada vez mais difícil. Nesse momento percebi que se começasse a edição do material com o que já havia selecionado, conseguiria facilitar a construção do trajeto. As imagens me ajudariam a perceber o que faltava para completar as lacunas, da narrativa, do vídeo.

E, por fim, a categorização dos vídeos passou pelas seguintes etapas:

- Seleção de qualidade do material;
- Relevância do assunto que estava registrado no vídeo;
- Localização temporal dentro do dia;
- Localização espacial dentro do trajeto;
- Movimento ou não da câmera;
- Ângulo de filmagem da tomada;
- Plano geral ou detalhe;

A **seleção de qualidade** do material, já foi abordada no tópico *Problemas* deste texto e trata sobre a qualidade da imagem registrada no vídeo, levando em conta o que pode ou não ser resolvido na pós produção, com programas de edição como o *Adobe Premiere*, devido à relevância do vídeo, como é o caso de vídeos registrados em manifestações, situações nas quais a captação estava mais suscetível ao erro, por razões externas.

A **seleção de relevância** do assunto, uma seleção mais apurada, do que se encaixa ou não, no roteiro e na sequência, do vídeo final. Se enquadra aqui também a escolha entre vídeos distintos que abordam assuntos parecidos, decidir entre qual vídeo resume melhor o assunto que se quer explicar.



Faria Lima, 2017



Rua Vazia no centro - Frame de vídeo captado para a pesquisa

A **localização temporal**, dado à necessidade do roteiro de se construir um dia, foi preciso selecionar os vídeos de acordo com os períodos do dia em que foram filmados separando inicialmente entre, manhã, tarde e noite. E, logo em seguida, detalhando um pouco mais essa divisão entre as diferentes condições de luz, som e atividades desses horários.

A **localização espacial** dentro do trajeto é separação entre os vídeos que foram registrados nos diferentes pontos do percurso, Bairro, Centro e Centro Comercial, bem como os que foram realizados de dentro ou fora de transportes públicos e quais transportes, ônibus ou metrô.

O **movimento de câmera, ângulo de tomada e Plano geral ou detalhe**, são aspectos técnicos dos vídeos, eles ajudam a compor os encadeamentos entre si e a dar significado aos cortes entre cenas. Os ângulos de tomada influenciam também na percepção do vídeo e ajudam a definir a linguagem adotada. A narrativa é montada do ponto de vista de quem está no meio da cena. Em ocasiões de disruptões, altera-se o ponto de vista, junto com o ângulo de tomada do vídeo, e são colocados vídeos com ponto de vista de cima para baixo, fora do eixo comum.

Este ponto final foi montado pensando no que diz Certeau, no trecho abaixo, onde ele ressalta que o homem quer sair do cotidiano, ter a visão total da cidade, desde sempre buscando representá-la e enxergá-la de cima, fora do texto da cidade:

“(...) subir até o topo do World trade Center é o mesmo que ser arrebatado até o domínio da cidade. O corpo não está mais enlaçado pelas ruas que o fazem rodar e girar segundo uma lei anônima; nem possuído, jogador ou jogado, pelo rumor de tantas diferenças e pelo nervosismo do tráfego nova-iorquino. Aquele que sobe até lá no alto foge à massa que carrega e tritura em si mesma toda a identidade de autores ou de espectadores. Ícaro, acima dessas águas, pode agora ignorar suas astúcias de Dédalo em labirintos móveis e sem fim. Sua elevação o transfigura em voyeur. Coloca-o à distância. Muda num texto que se tem diante de si, sob os olhos, o mundo que enfeitiçava e pelo qual se estava “possuído”. Ela permite lê-lo, ser um Olho solar, um olhar divino. Exaltação de uma pulsão escópica e gnóstica. Ser apenas este ponto que vê, eis a ficção do saber.”
 (CERTEAU, 1998)

Janela do ônibus, em dia chuvoso - Frame de vídeo captado para a pesquisa



Manifestação em dia de Paulista Aberta - Frame de vídeo captado para a pesquisa



RECORTES VISUAIS

O trabalho é montado em cima de recortes visuais, de imagens e atividades que se alternam no dia a dia da cidade, o simples ato de fazer parte da cidade já faz com que estejamos cercados, quase que ininterruptamente, por informações - visuais, sonoras, táteis - nossa atenção se foca, ora em alguma coisa, ora noutra. Estes recortes são os elementos a partir dos quais, este vídeo foi montado:

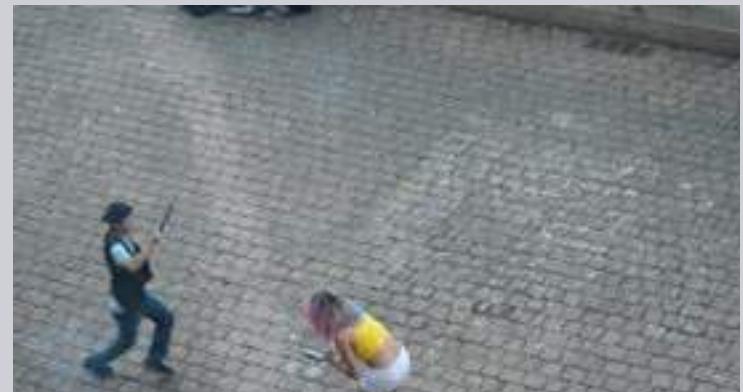
Circulação:

Blocos de cenas realizados dentro dos transportes, durante deslocamentos ou não, esse é o bloco com a maior quantidade de cenas gravadas, ratificando a hipótese de que o tempo gasto nos deslocamentos pela cidade é muito grande. As pessoas realizam grande parte de suas tarefas diárias, como ler, dormir, comer, responder a e-mails e etc, tudo dentro de algum meio de transporte;



Quebra de Rotina:

Essa era uma das questões mais fortes quando comecei a produção desse vídeo, chamava no começo de quebra de cotidiano, mas não demorei muito a perceber que essas situações distintas, do que eu pensava ser a normalidade, também faziam parte do cotidiano de São Paulo. Principalmente levando em conta que algumas dessas situações são, de fato, programadas como é o caso de feiras em avenidas movimentadas, ou dias em que a rua é aberta para os pedestres. Encontramos também situações um pouco menos esperadas, como um grupo de maracatu tocando e dançando debaixo de um viaduto no centro da cidade, situações estas que eu chamei de quebra da rotina, como uma quebra do esperado na paisagem da cidade.



Disrupção Visuais:

São fotografias, em movimento, de ângulos fora do comum - enquanto realizamos nossas travessias, gravados de cima de prédios residenciais ou comerciais de pontos estratégicos desse trajeto.



Manifestações:

A cidade como palco de luta política, este bloco se refere às manifestações, mas não somente as marchas e os atos convocados, já que qualquer manifestação de uso da cidade é a manifestação política de algo, seja por usar escolher fazer compras em lojas de ruas e por frequentar bares ao invés de shoppings ou mesmo ir em um exibição de teatro na praça.



Proibições:

Manifestações trazem consigo o dilema do público e do privado, carregado das normas e regras impostas para se viver em sociedade, como catracas e muros. Quando se age fora da regra esperada, há a presença da repressão.



O PROJETO DOCUMENTÁRIO

Sinopse

O filme utiliza elementos sensoriais cotidianos dentro de um trajeto, na cidade de São Paulo. A fim de vivenciar o corriqueiro e evidenciar surpresas que acontecem no cotidiano, o documentário caracteriza o dia a dia da cidade de São Paulo a partir de recortes visuais e sonoros.

Argumento

O filme Cá e Lá mostra de maneira documental recortes da cidade de São Paulo, através de uma trajetória/percurso que parte da hipótese de que as percepções de cidade, seus usos e suas sensações, se repetem apesar de São Paulo ser, formalmente falando, uma capital muito heterogênea e complexa.

O norte do filme é a relação das pessoas com o espaço da cidade, porém sem se preocupar em caracterizá-la por seus ícones e imagens consagradas. Na verdade, Cá e Lá busca exatamente o oposto a isso: quer mostrar e caracterizar percepções que temos da cidade por seus fragmentos - que teoricamente poderiam ser encontrados, inclusive, em qualquer outra metrópole.

A chave disso, e o elemento de ligação entre os recortes, é a rua e a interação das pessoas com o espaço, sendo lugares de passagem ou de estar. A trajetória, em questão, é uma das possíveis trajetos da Zona Norte à Zona Oeste da cidade, ligando um bairro mais afastado do centro da cidade a um centro comercial, que seriam o bairro do Mandaqui e a Faria Lima, em Pinheiros.

Os personagens são pessoas que de fato realizam esse trajeto, sem identificá-las, pois aparecem de costas ao serem filmadas andando pelas ruas ou nos transportes públicos. A trilha é composta de sons urbanos desses diferentes lugares, como vendedores ambulantes, barulho de carros, artistas de rua, animais, conversas aleatórias de pessoas, os sons de sinalização do metrô e coisas similares.

Durante o percurso, nos deparamos com momentos de rotina e disruptão, percebendo o ir e vir de nosso cotidiano pelas ruas Voluntários da Pátria, que é uma via de ligação de alguns bairros da Zona Norte com o centro da cidade e que, portanto tem grande tráfego de veículos e pessoas nas horas do rush, até a Avenida Faria Lima que, como importante eixo do centro comercial da cidade, tem uma dinâmica diferente da primeira, mas ao mesmo tempo é bastante solicitada nos horários citados; passamos pelo Largo da batata, que está localizado no eixo comercial, mas mantém algumas características de bairro,



Rua Augusta, 2017



Volta para a casa à noite - Frame de vídeo captado para a pesquisa

como o comércio e residências em seu entorno; e viajaremos pela metrópole em metrôs e de dentro de ônibus, olhando nosso trajeto como olhamos em momentos de transição entre o cá e o lá: por janelas e sons da cidade.

O cotidiano rotineiro e suas disruptões se entremeiam neste projeto, mesclando dias e situações distintas, porém construindo um dia fictício com manhã, tarde e noite, composto de três atos: A rotina, as rupturas de rotina e as transições.

A rotina são as imagens que mostram a cidade, como fachadas de lojas em funcionamento, pessoas caminhando indo de um ponto a outro da cidade, com a câmera na posição de observador parecido com o que a Agnès Varda faz em *A Ópera Mouffe*, ou mesmo com o que a Renata Pinheiro e o Sergio Oliveira fazem em *Praça Walt Disney*, de capturar as ações comuns das pessoas.

A segunda parte, a ruptura da rotina, abrange, manifestações, shows e pessoas utilizando o espaço de forma lúdica. De um modo geral, os lugares sendo utilizados de uma maneira para a qual não foram pensados.

A terceira parte, as transições são inseridas na montagem entre as partes citadas acima, e são gravações realizadas dentro de estações de metrô com a câmera parada na plataforma e dentro dos trens, enquanto as pessoas e os trens realizam o movimento. Nos ônibus, a técnica de gravação é a mesma: a câmera parada observando o movimento dos veículos e pessoas.

O filme termina onde começou, a cena final é a mesma da cena de abertura, a janela do quarto no bairro do Mandaqui, só que agora à noite. Essa escolha intenciona passar ao espectador a ideia de que ele vivenciou um ciclo na cidade ao mesmo tempo que transmite a sensação que tudo poderia começar novamente, encerrando e deixando uma brecha para se pensar o novo dia que nascerá a partir daquela janela.



Pessoas reunidas na Praça Isabel - Frame de vídeo captado para a pesquisa



Janela no bairro, à noite- Frame de vídeo captado para a pesquisa

Ao serem definidos o tema e as ferramentas para realizar este trabalho, relutei um pouco, por temer que a opção por um enfoque que não fosse um projeto de edifícios, de requalificação urbana ou algo mais tradicional, desmerecesse o que eu estava propondo. Segui em frente, pois encontrei apoio nas orientações e conversas com professores e colegas, e agora, ao fim do trabalho, percebo a importância deste TFG como fechamento de um ciclo.

Isto porque encerro a graduação tendo a oportunidade de sintetizar neste trabalho com fotografia e vídeo diversas questões que me acompanharam ao longo do curso - questões de paisagem e urbanismo, imagem e uso dos espaços da cidade, métodos de projeto - e, a partir de sua conclusão, enxergo um caminho para seguir investigando os assuntos aqui abordados. Como este trabalho foi apoiado, em boa parte, na experimentação propriamente dita, reconheço nele uma oportunidade imensa para compreender mais do universo imagético de espaços e trajetos pela pesquisa teórica, e vice-versa, isto é, a partir da experimentação pude ressignificar e revisar aspectos teóricos.

CONCLUSAO

Consigo ver no processo de construção deste vídeo e deste caderno assuntos que estavam presentes em trabalhos anteriores. Para mim, o Cá e Lá também foi como construir conexões entre pontos/extremidades um trajeto iniciado em 2010. As discussões sobre representação de arquitetura permeiam de algum modo uma grande parte dos trabalhos realizados na graduação e vão se materializando das mais diversas formas ao longo deles.

Me aproximei muito de questões sobre a forma da cidade e sistemas de espaços livres, públicos, privados, durante minhas pesquisas no laboratório de paisagismo da FAU, o QUAPA (Quadro do Paisagismo no Brasil), e também quando fui monitor de algumas matérias ligadas a essa área, dentro do departamento de projeto da FAU.

Se no começo eu temia não estar realizando um projeto de arquitetura como conclusão de curso, agora eu vejo que este temor não podia estar mais errado. Todas as etapas desta pesquisa, e porque não dizer deste projeto, foram pensadas do mesmo modo como eu sempre pensei os projetos realizados na FAU.

A análise de hipóteses como problemas a serem trabalhados, a busca por referências, o pensar e testar soluções, o abrir mão de ideias iniciais, inclusive porque, parafraseando o professor Dr. Silvio Macedo - “a primeira ideia que deu certo é a primeira que coube e geralmente pode melhorar” - o detalhamento, e até as dúvidas e afastamentos que surgem no meio do processo, se mostram como *modus operandi* do ato de projetar, ou pelo menos daquele que eu realizei.

Concluo este trabalho enxergando-o como um meio de análise do espaço urbano. Ainda no período de fechamento deste texto, me encontro diariamente com novas imagens e situações que poderiam fazer parte desta apresentação, a pertinência do estudo desses assuntos se coloca e se reinventa diariamente, assim como também se reposiciona minha compreensão do cotidiano da cidade.

Percebo também no TFG, o caráter de registro temporal da cidade de São Paulo, essa travessia comparada com aquela realizada no primeiro ano¹ encontra dinâmicas distintas, como a criação de novas linhas de metrô, corredores de ônibus e ciclofaixas, que permitem realizá-la de novos modos e em menor duração, inclusive.

Tendo em vista a máxima da arquitetura que é moldada pelo modo como os seus usuários utilizam os espaços propostos, e mesmo sabendo que aqui também cada pessoa receberá e sentirá esse trabalho audiovisual de uma forma distinta, ainda assim, acredito ter alcançado meus objetivos iniciais, ao mesmo tempo que aprendi muito com a vivência do processo de realização dele. Encerro-o instigado a aprender mais e continuar a discutir o processo de criação de imagens e entendimento de cidades.

¹ Referente ao trabalho “Vetores da Cidade” citado na introdução deste caderno

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA:

- ASHIHARA, Yoshinobu – **El diseño de espacios exteriores**. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1982.
- BACHELARD, G. A miniatura. In: **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978, p. 295-315.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano: Artes de Fazer**. 3º. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CULLEN, Gordon – **Paisagem Urbana**. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da Cidade**. 3º. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor & SOUZA, Bruna Mantese de (orgs.) **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade**. São Paulo, Terceiro Nome, 2007.
- MAGNANI, José Guilherme C. & TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.) **Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana**. EDUSP, São Paulo, 1996.
- ROZESTRATEN, Artur. **Ensaio para diálogos futuros sobre o espaço indizível**. 2015. Disponível em <http://www.fau.usp.br/disciplinas/o-espaco-e-suas-representacoes/>. Acesso em 24 jun/2017.
- MACEDO, Silvio Soares - **Quadro do Paisagismo no Brasil**. São Paulo, FAUUSP, 1999.

FILMOGRAFIA:

DE WEG NAAR HET ZUIDEN / THE WAY SOUTH

Direção: Johan van der Keuken

Holanda, 1981, 143 min. Cor, som.

L'OPÉRA-MOUFFE. Direção: Agnès Varda.

Produção: Ciné Tamaris. França, 1958

16 min. Preto e Branco, som.

BLOW-UP. Direção: Michelangelo Antonioni.

Produção: Bridge Films, Carlo Ponti Production, Metro-Goldwyn-Mayer (MGM)

Drama, 1h 51 min. 1966. Cor, som.

EM TRÂNSITO. Direção: Henri Pierre Arraes de Alencar Gervaiseau

Produção: Alô Video Ltda. Brasil, 2005.

Documentário, 96 min. Cor.

ILHA DAS FLORES. Direção: Jorge Furtado.

Produção: Casa de Cinema de Porto Alegre. Brasil, 1989.

Documentário, 13 min.

PLAYTIME. Direção: Jacques Tati. Produção: Specta Filmes,

Jolly Film. França, Itália, 1967. 155 min. Cor, som.

PRAÇA WALT DISNEY. Direção: Renata Pinheiro e Sérgio Oliveira.

Produção: Sérgio Oliveira. Brasil, 2011. 21 min. Cor.

Documentário, 35mm, stereo, 2011

SÃO SILVESTRE. Direção: Lina Chamie. Produção: Bossa Nova Films, Girafa Films.

Brasil, 2013. Documentário, 1h 20 min. Cor, som.

IMAGENS

Página 34/35- Fotografia realizada, em Abril de 2017, durante um domingo na Paulista;
 Página 48/49 - Fotografia realizada, em 8/03/2016, durante manifestação, na Rua Agusta.

Todas as imagens deste caderno são de autoria própria com exceção, dos frames dos vídeos de referência e das fotografias referenciadas abaixo:

WEBGRAFIA:

BRAGA, Luiz, Babá Patchouli, 2006, <http://mam.org.br/acervo/2006-108-braga-luiz/>, Acesso em 20 jun. 2017.

BRESSON, Henri Cartier, Boy With Bottles – Rue Mouffetard, Paris, 1954 http://www.pliniocorreadeoliveira.info/ACC_1958_089_22.jpg, Acesso em 20 jun.2017

GURSKY, 99 cent, 1999, <https://www.artsy.net/artwork/andreas-gursky-99-cent>
 Acesso em 20 jun.2017.

MASCARO, Cristiano, Bom Retiro, 1970, <http://brasileiros.com.br/2014/11/pinacoteca-recebe-fotografias-de-cristiano-mascaro/> Acesso em 10 jun. 2017

PLOTNIKOVA, Maria, Buenos Aires 2011, <http://mariaplotnikova.com/galleryset/portfolio/street/>, Acesso em 15 de jun. 2017

RESTIFFE, Mauro, <http://www.fcw.org.br/v3/index.asp?pag=noticias&top=3&cat=4&subcat=9>,
 Acesso em 15 de jun. 2017

SOKOLOWSKI, Brian, <https://www.flickr.com/photos/45609113@N04/5185928685/in/album-72157623385075569/> , Acesso em 20 de jun. 2017

SHORE, Steven, U.S. 93, Wikieup, Arizona, December 14, 1976, <http://www.303gallery.com/artists/stephen-shore/images/series?view=slider#28>, Acesso em 20 de jun. 2017

WENDERS, Win, Flammable-Telingua-Texas-1983, <http://www.wim-wenders.com/photo/4real-true2-landscapes-photographs/>, Acesso em 15 de jun. 2017

WESLEY, Michael, MOMA, <http://fotovazio.blogspot.com.br/2014/11/michael-wesley.html>,
 Acesso em 17 de jun.2017

WHITE, Margaret Bourke, Aerial view of New York bus terminal building, 1951,
<http://www.artnet.com/artists/margaret-bourke-white/aerial-view-of-new-york-bus-terminal-building-a-DvHO80CPYbF6aUITZ705NQ2>,
 Aceso em 20 jun. 2017

WOLF, Michael, Tokyo Compression #75, 2011, <https://www.artsy.net/artwork/michael-wolf-tokyo-compression-number-75-2>, Acesso em 19 jun. 2017

